

## **MENSAGEM DO NÚNCIO APOSTÓLICO**

*Dom Lorenzo Baldisseri – Homilia – 16 de julho de 2009b*

Com alegria venho hoje a Florianópolis para presidir esta Celebração Litúrgica, na abertura do 2º Encontro Nacional das Equipes de Nossa Senhora, do qual participam representantes do Brasil, convidados especiais de outros países, autoridades eclesiais, civis e militares.

Quero saudar todos os presentes, em particular o Arcebispo de Florianópolis, Dom Murilo Krieger e os outros Arcebispos e Bispos, e em particular Graça e Roberto Rocha, Casal Responsável pela Super-Região Brasil das Equipes de Nossa Senhora, assim como os Padres assistentes, os dirigentes do Movimento e os palestrantes, os amigos e os convidados especiais.

O tema: “Casal cristão, fecundidade evangélica”, com o lema “Eu e minha casa serviremos ao Senhor”, reflete bem aquilo que será tratado no Encontro, nas palestras que serão proferidas, nos subtemas que serão debatidos nos grupos de estudo e, finalmente, nas reflexões conclusivas que servirão de diretrizes para o trabalho do Movimento nos próximos anos.

Em primeiro lugar, quero agradecer o convite que me foi dirigido para abrir este evento nacional, que marca a vida e a atividade dinâmica das Equipes de Nossa Senhora, instituição reconhecida pela Santa Sé como Movimento Internacional de espiritualidade conjugal, presente em 73 países.

Desejo parabenizar os Dirigentes pela iniciativa e faço votos que este Encontro tenha pleno êxito, já que, com certeza, será um excelente prosseguimento do primeiro, que aconteceu há seis anos, garantindo assim um bom trabalho apostólico futuro.

Como Núncio Apostólico, Representante do Santo Padre o Papa Bento XVI, tenho a honra de trazer as saudações e o afeto paternal de Sua Santidade, que já enviou uma mensagem particular ao Encontro, e assegurar-lhes que o Sumo Pontífice segue com grande interesse os trabalhos de Florianópolis, efetuados pelos casais cristãos, que testemunham com a palavra e com a vida o amor humano, a família, os valores evangélicos da vida, da solidariedade e da ética cristã. O Santo Padre lhes envia uma especial Bênção Apostólica.

Irmãos e Irmãs em Cristo:

Acabamos de ouvir a Palavra de Deus nas duas leituras, a primeira do Antigo Testamento e a segunda do Novo.

O lema: “Eu e minha casa serviremos ao Senhor” é tirado exatamente da primeira Leitura, do Livro de Josué, e vem a calhar bem aos tempos atuais, podendo dar uma sólida pista de reflexão e de estudo.

O povo de Israel, apesar das conquistas e dos sucessos na ocupação da terra prometida e dos avanços conseguidos na estabilização pátria, apresenta-se como um povo que perde o rumo e a orientação certa, tanto na vida individual como coletiva, que se afasta da lei do Senhor e comete delitos,

violências, latrocínios, matanças, e não segue o Deus verdadeiro que o libertou da escravidão do Egito.

Josué toma solenemente a palavra diante todos e os admoesta com vigor, dizendo: “Temei ao Senhor e servi-o de coração íntegro e sincero. Lançai fora os deuses a quem vossos pais serviram do outro lado do Rio Eufrates e no Egito e servi ao Senhor” (Js 24,14-15).

É um grito de denúncia e de vigoroso apelo, que tem força e validade imperativa também hoje, frente a uma sociedade que ostenta e adora os novos ídolos, como o dinheiro, o poder, o sucesso, que se entrega à loucura da droga e se gloria da ideologia do super-homem, desembocando assim no relativismo, no hedonismo e no niilismo.

Dentro desse funesto quadro, a instituição mais afetada e lacerada é a família, a partir do matrimônio e do amor humano.

Josué reagiu energicamente frente à realidade catastrófica constatada no seu povo e diz: “Quanto a mim e à minha casa, nós serviremos ao Senhor”.

Irmãos e Irmãs, estas são as palavras que hoje todos nós queremos repetir com força e que os casais cristãos devem proclamar diante de Deus e diante da sociedade: mostrar ao mundo que Deus existe e continua a oferecer sua misericórdia, que Deus opera e trabalha como a semente escondida na terra, que não se vê, mas que lá está presente com seu poder de fazer nascer, como e quando quiser, a nova planta da vida. Cinco mil pessoas hoje aqui reunidas querem mostrar ao mundo que é possível amar a Deus e construir a família segundo aquilo que manda a natureza, criada e abençoada por Deus.

Somos muitos, embora, no contexto brasileiro e mundial, sejamos poucos. Mas não importa ser o *pusillus grex*, uma ‘pequena grei’, como diz Jesus na sua parábola.

A história da salvação, assim como é narrada pela Bíblia, é uma sequência eloquente e muito clara de como Deus age na humanidade e no cosmos inteiro. Deus quer a colaboração dos homens na humildade e na *kénosis*, na generosidade e na entrega, e nos manifesta a cada momento que ele é Deus Criador e Senhor do Universo.

Onde está o super-homem, que o filósofo F. Nietzsche proclamou com Zarathustra e seus seguidores da inteligência de hoje? O que representa para o destino humano o homem que quer ser Deus?

O super-homem é uma cópia deformada do projeto de Deus; uma falsificação da perspectiva do homem feito para a vida. O homem que se faz deus é uma utopia que se equipara à fantasia e à ilusão. Justamente, ao contrário, o Gênesis afirma que Deus criou o homem, e o fez à sua imagem e semelhança para garantir que ele possa viver para sempre.

Para garantir essa vida, o filósofo imanentista pensou que o homem poderia criar-se a si mesmo e assim declarar que Deus está morto, sem se dar conta de que o super-homem é a mera mistificação do ser pensante, mistificação que humilha a própria razão, como diz Bento XVI na última Encíclica *Caritas in veritate*, recentemente publicada: “A razão sem a fé (em Deus) é destinada a se

perder na ilusão da própria onipotência”, e a seguir: “O humanismo que exclui Deus é um humanismo desumano” (n.78).

Queridos irmão e Irmãs, a firmeza de Josué e de sua casa, que diz: “Quanto a mim e a minha casa, nós serviremos ao Senhor”, é garantia de que Deus continua inspirando homens de bem, homens de Deus, homens e mulheres de família, como Josué e a sua casa, e como os milhares e as centenas de milhares de casais que ao longo dos séculos testemunharam e testemunham que, apesar do mau uso da liberdade humana que conduz à transgressão e ao afastamento de Deus, reconhecem e proclamam ao mundo inteiro que Deus é primeiro, que Deus é único, Senhor, Providente e nosso Salvador em Jesus Cristo.

Passando ao Evangelho que acabamos de ler, encontramos-nos numa situação bem diferente, pois contemplamos um panorama de vivência familiar que nos comove e estimula.

O texto de Lucas diz: “E quando se completaram os dias da purificação, segundo a lei de Moisés, levaram o menino a Jerusalém para apresentá-lo ao Senhor, conforme está escrito na Lei do Senhor: ‘Todo primogênito do sexo masculino será consagrado ao Senhor’” (Lc 2, 22). São palavras muito simples e singelas, mas que efetivamente abrem um horizonte de humanidade que transcende e emociona. É como mergulhar na história de uma família distante no tempo, mas muito próxima pelo frescor da narração e pela riqueza da mensagem. Trata-se de um casal da Palestina, caminhando para Jerusalém e seus arredores de pequenas cidades, como Belém, onde nasceu Jesus, e Ain-Karim, onde morava a prima Isabel com seu filho João, e que, no meio de tantas pessoas, leva nos próprios braços seu primeiro filho, como a coisa mais preciosa da vida. O casal é José e Maria, que vai ao Templo a fim de poder cumprir os preceitos da circuncisão, da purificação e da apresentação; atos rituais que, no seu conjunto, significam fidelidade e obediência às prescrições mosaicas de louvor e de agradecimento; agradecimento a Deus pelo dom da vida, pelo dom de um filho que eles receberam como cooperadores do amor de Deus Criador e Senhor.

O sábio Simeão, acostumado a acolher em seus braços as crianças recém-nascidas, inspirado pelo Espírito Santo, ao ver o menino Jesus, louvou a Deus e pronunciou palavras proféticas: “Agora, Senhor, segundo a tua promessa, deixa teu servo ir em paz, porque meus olhos viram a tua salvação (...): luz para iluminar as nações e glória de Israel, teu povo (v.32).

São expressões que evocam o anúncio da feliz notícia do nascimento de Jesus, quando o anjo disse aos pastores: “Anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de Davi, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias, Senhor” (Lc 2,10-11).

Sim, nasceu o Messias e seu nome “Salvador” causou “uma grande alegria”. Foi a alegria de todos aqueles que esperavam o dia da restituição da inocência original e da vida douradura. Foi o Natal do Menino Jesus, o Salvador. Foi e é o Natal de todos aqueles que, como acertadamente comenta João Paulo II na Encíclica *Evangelium vitae*, “manifesta o sentido pleno de todo nascimento humano” (n. 1). Que alegria na família quando nasce um filho! Que bonito ver os pais que se comovem ao ver uma nova vida nos próprios braços! Que bom olhar para José, Maria e Menino Jesus, como modelo de Família, cujo supremo arquétipo é a própria Trindade Divina!

A família, irmãos e irmãs, recordemo-lo, é Santuário da vida, é serviço à vida, é colaborar com Deus para transmiti-la, protegê-la, educá-la, levá-la à sua plenitude, acompanhando-a até seu declínio natural. Sua missão é revelar o amor divino e constituir a célula da sociedade e a igreja doméstica. Na família, os cônjuges se tornam interpretes livres e inteligentes do amor divino, que se manifesta e se dilata no mundo.

Não podemos imaginar e jamais aceitar que a família perca sua natureza e sua missão radical e legítima de procriar e educar os filhos; não podemos admitir que o matrimônio, a união de um homem e uma mulher, não seja o fundamento da família, como comunidade natural de amor, aberta à vida. Hoje temos de afirmar claramente e com vigor que não existem diversos tipos de família; existe **a família**, a família fundada no matrimônio de um homem e uma mulher.

A esse respeito, gostaria de citar aqui o que João Paulo II diz sobre a família e o matrimônio na Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*: “Deve ser assegurada (...) uma especial atenção à pastoral da família, ainda necessária na época atual, que registra uma crise generalizada e radical desta instituição fundamental” (47). E sobre o matrimônio continua: “Na visão cristã do matrimônio, a relação entre o homem e a mulher, relação recíproca e total, única e indissolúvel, corresponde ao desígnio de Deus que, ofuscado na história pela ‘dureza do coração’, foi restabelecido no seu esplendor primordial por Cristo, mostrando o que Deus quis ‘no princípio’ (Mt 19,8) (Ibidem).

É com estas palavras de certeza e de verdade sobre o amor humano, sobre o matrimônio e sobre a família que quero desejar pleno êxito a este Encontro, com as bênçãos do Senhor. Amém.